



POLITRECO



Escalafobético e cirílico órgão de comunicação do Grêmio Politécnico
Escola Politécnica, outubro de 1991 - Ano X - Número 208

Repórter EÇA

MIAU!

Biênio, Poli - "Vocês não podem dizer que a aula de Cálculo seja monótona." O comentário é da egrégia professora Zara, entre dois miados.

Não bastasse o arrombamento da porta ocorrido recentemente, apareceu no dia 7 de outubro uma gatinha na sala da turma de Química. Sem comemorações precipitadas: o animal tinha bigodes e quatro patas.

Ainda filhote, indefesa e faminta, passeou pelos corredores em busca de comida. Foi acolhida por alguns caridosos alunos e até pela mestra, que com uma mão segurava o bicho e com a outra empunhava o giz. Tocante.

Os investigadores da Redação supõem que ela tenha vindo das cercanias do Crusp, região infestada por felinos errantes que se alimentam dos restos da comida do bandeirão (que cachorrada...). Esta população vem sofrendo um cruel e misterioso genocídio. Até o gato de uma jovem moradora do bairro do Butantã foi encontrado, e resgatado com vida, no biotério do Instituto de Ciências Biomédicas.

Alheia a destino tão horripilante, "Deri" (vada), como foi apelidada a visitante, participou ativamente das aulas daquele dia, na língua que lhe era familiar. Ou poderia estar apenas chamando uma aluna, chinesa de nascimento, cujo nome é "Liaw".

Vamos por partes

Está sendo implantada no câmpus, em caráter experimental, a coleta seletiva de lixo. O projeto já existe em diversos bairros

da Capital e há mais de um ano no câmpus da PUC. Latões coloridos serão instalados em diversos locais (Posto de Informações, estacionamento do Restaurante Central, Conjunto das Químicas e Hospital Universitário, por exemplo). São quatro classes de resíduos, identificadas por cores: metais, vidros, papéis e plásticos.

Iniciativas conscientes como essa podem aos poucos reduzir os efeitos da poluição ambiental e motivar até uma mudança radical de mentalidade na população.

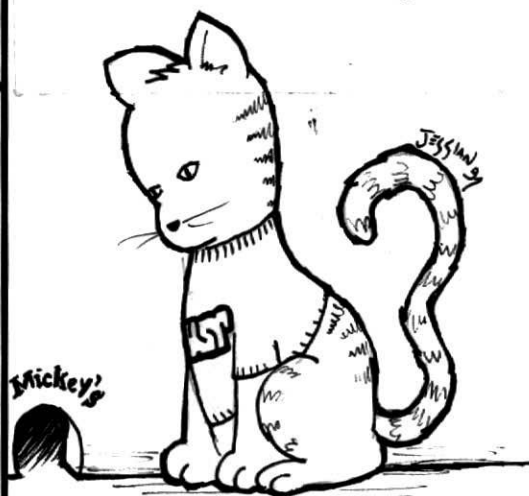
Hoje, qualquer macaca de auditório tem no bolso um discurso comovente sobre a defesa da selva amazônica e do mico-leão dourado, prateado e bronzeado, mas continua jogando papel no chão sem remorso. Ainda falta ação pra tanta retórica.

Parafraçando-se Lavoisier, nada se cria e nada se perde, tudo se reaproveita. Se a humanidade continuar transformando matéria em rejeito inútil, não vai sobrar lugar pra tanto lixo e se esgotarão as fontes de recursos. No futuro, todos os materiais serão aproveitados diversas vezes, o transporte de massa será privilegiado em relação ao particular, as energias eólica e solar (com sorte, também a fusão nuclear) serão largamente empregadas. As indústrias gastarão muito dinheiro para evitar a emissão de poluentes no ar e nos rios. A vida selvagem será protegida em grandes reservas ambientais.

Tudo isso pode parecer utópico, mas faz parte de um grande processo que determinará a continuação (ou não) da vida humana no planeta.

Repórter Eça é funcionário e marajá deste Politreco.

CCVIII



URGENTE
CURSINHO DA
POLI AMEAÇADO

nesta edição:

sérgio mindlin congregação
repórter eça único jornal do
mundo a ter dois onbudsman
(embora nenhum tenha sido
convidado para o I seminário
de onbudsman da folha de
são paulo) júnior poli vinícius
de Moraes zebras editorial
teorias do escuro
seqüestros&resgates estojos
perdidos capa ilustrações
numeração e chega de
piadinhas.

Editorial

Esse é o décimo Politreco do ano. Foram quase 120 páginas de jornal, 210.000 páginas rodadas, 30.000 grampos, editoriais, quadrinhos, on-bus-men, humor, política, sexo, fórmula 1, religião, rock'n'roll, etc. Os 14.000 m² de área impressa dariam para cobrir um quadrado gigantesco de 120 metros de lado.

Numerologia à parte, o importante é que o Politreco sobreviveu depois desses dez números. Sobreviveu a muitas críticas, construtivas e destrutivas.

Alguns, realmente preocupados com os destinos do jornal, reclamavam da periodicidade (irregular) e da falta de artigos de qualidade. A periodicidade está bem melhor agora, com a participação de mais pessoas no jornal. A qualidade está aos poucos sendo melhorada, com a criação de

equipes: de reportagem, de pesquisa (DataPoli), de ilustração, de redação (ainda abertas a quem quiser participar). Há muito ainda a fazer, mas estamos conseguindo.

Outros diziam simplesmente que o jornal não estava bom e que queriam que o Politreco voltasse a ser como há alguns anos atrás. Claro que no passado o Politreco teve editores brilhantes que conseguiram fazê-lo com maestria. Mas esses editores não fazem mais o jornal, muitos até já se formaram. Era preciso renovar os fazedores do jornal. Como? Repetindo as fórmulas antigas só porque "deram certo" ou tentar uma nova, com uma nova equipe? A alternativa foi tentar inovar, aproveitando experiências passadas.

Não foi fácil implantar essas inovações. Muito trabalho, muita resistência de

uma parte dos alunos, pouco retorno de opinião.

Mas o fato que o Politreco acabou vencendo. Sobreviveu, melhorou em alguns aspectos mas ainda precisa de um conteúdo mais consistente.

Isso depende de você. Como escritor, repórter, ilustrador, editor, redator, inventor de idéias... O Politreco existe para divulgar os textos dos alunos. Isso o mantém tumefacto e ereto. Por isso, o seu texto é fundamental para a sua melhora e sobrevivência. O Politreco é o jornal da sua escola.

Caro Politécnico: **ESCREVA PARA O POLITRECO!**

Paulo Blikstein cursa o segundo ano de Engenharia Elétrica e reassumiu suas funções de Editor-Chefe do Politreco.

Perdido

Perdi um estojo de jeans, na frente do Biênio, há uma semana. Quem achou, favor deixar no Grêmio ou na D. Rosélia. É de estimação, além de conter um elemento radioativo perigoso.

Ademir P. Santos é Onbudsman-Alfa deste jornal



Querem acabar com o CURSINHO DA POLI

O CURSINHO DA POLI, único cursinho pré-vestibular gratuito do Brasil, é mantido pelo GRÊMIO POLITÉCNICO e por empresas de engenharia, com apoio do Anglo Vestibulares.

Contando com quase 30 professores e 350 alunos, o CURSINHO funciona há quatro anos em duas salas da Civil, à noite; e já colocou mais de uma centena de alunos na USP, sem contar outras universidades.

O diretor da Poli, Francisco Landi, decidiu acabar com o cursinho, por achar que ele não tem utilidade. Evidentemente, ele não pode "extinguir" por decreto, já que o CURSINHO pertence ao GRÊMIO. Mas ele pode não mais ceder o espaço e tirar o apoio que a escola sempre ofereceu para conseguir doações que ajudam a manter o bom nível do CURSINHO.

Consideramos essa decisão do diretor infundada. Estamos iniciando uma grande campanha, dentro e fora da Poli, dentro e fora da USP, para mostrar ao diretor que o CURSINHO tem utilidade, e muita. Brevemente abaixo-assinados estarão passando nas classes, nos centrinhos e na sala do GRÊMIO. A sua colaboração é fundamental.

Diretoria do Grêmio Politécnico



Politreco

Extremoso e dileto órgão de comunicação do Grêmio Politécnico



Expediente

O Politreco é uma publicação semanal do Grêmio Politécnico Gestão QUO VADIS

ExComandante-em-Chefe (situação indefinida):

• Abraão Jacob Steinbergmann

Editor-Chefe:

• Paulo "Blim-Blim" Blikstein, Elétrico

"Staff" do Politreco:

• Alessandro "Maguila" Nery, Químico, DataPoli

• Cid J. Santana, Químico, digitador, repórter

• Guilherme Araújo Lima da Silva, Mecânico, DataPoli

• Jessian Cavalcanti, Elétrico, ilustrador

• Nicholas Alvarus Serrano, Mecânico, DataPoli

• Paulo Blikstein, Elétrico, Editor-Chefe, redator

• Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Júnior, Elétrico, diagramador, DataPoli, redator

Colaboração:

• Ademir Pereira dos Santos, Elétrico, Onbudsman-Alfa

• Sequestrador, Engenheiro, Onbudsman-Beta

• Júnior Poli Estudos

• Membros discentes da Congregação

• Rogério "Strezza" Trezza, arquiteto, quadrinista

• Sérgio Rosenberg Aratangy, Elétrico, presidente do Grêmio Politécnico

Agradecimentos:

• ADUSP

• Ligia

• Jessica

• Prestativos colegas grampeadores do último número

• Sérgio Mindlin

• Vinícius de Moraes (in memoriam)

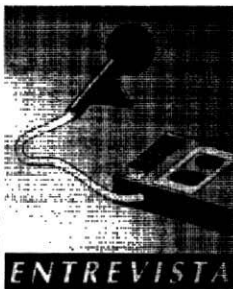
Finalmente! Voltaram as vistas do editor: poltronas reclináveis da sala 11.

A. J. Steinbergmann está livre!



Em falha dos sequestradores, Comandante-em-Chefe dá o calote e foge sem pagar resgate

Paulo Clark Kent



O Comandante-em-Chefe está à solta novamente. A. J. Steinbergmann conseguiu escapar de seus carcereiros quando estes relaxaram um pouco a vigilância. Dotado de um excelente senso de negócios, percebeu isso, mesmo estando preso em um banheiro, olhando pela fechadura e vendo a metralhadora disfarçada de coruja da Minerva sozinha, a qual conseguiria um bom preço no mercado negro de armamentos.

Abatido e pesando alguns gramas a menos, concordou em conceder uma entrevista, dada com exclusividade. Nela, o Comandante-em-Chefe conta como foi sequestrado, os 21 dias na prisão e que não deve reassumir de imediato o controle do Politreco, pois está abalado emocionalmente. A oposição, por outro lado, diz que não abandona os cargos "nem a pau".

Paulo Clark Kent: Como foi feito o sequestro?

A. J. Steinbergmann: Estava na sala 14, trancada, recebendo a visita de uma de minhas fãs, quando ela me apontou uma

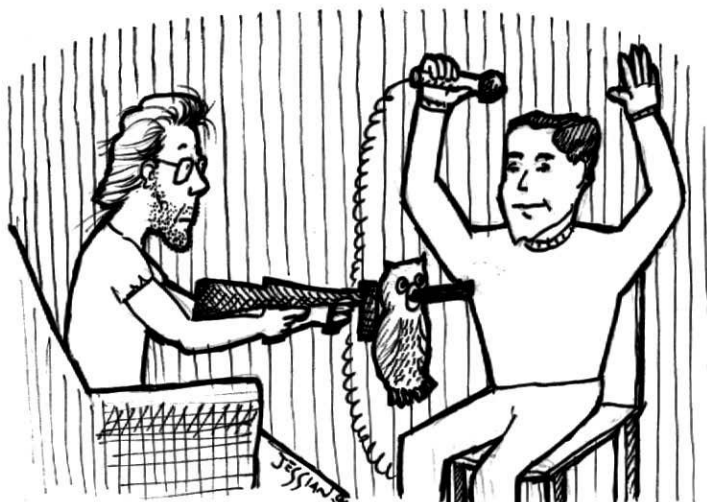
coruja (exibiu a coruja-metralhadora, que trouxe como *souvenir* de seu cárcere). Não entendi muito bem na hora, até ver que de dentro dela saía uma semi-automática. Daí entraram uns brutamontes e me enfiaram dentro de um saco, indo direto para o porta-malas de um carro. O carro partiu para algum lugar próximo a R. Boa Vista e R. XV de Novembro, passando pelo Jóquei.

PCK: Como pode saber disso, se estava dentro do porta-malas?

AJ: Porque senti o cheiro de bosta dos cavalos no caminho e, quando paramos, o da Bolsa de Valores.

PCK: O tratamento, por parte dos sequestradores, foi dado ao nível que lhe é cabido?

AJ: Tá me gozando? Os caras tinham um gosto musical e de comida desgraçado. E o pior é que tinha que aceitar tudo isso, ouvindo a música no último volume e com-



A.J. Steinbergmann em entrevista com Paulo Clark Kent

mendo o eisbein todo dia. Isso sem falar que fiquei trancado num banheiro, com meio rolo de papel higiênico só!

PCK: E como você conseguiu escapar dos marginais?

AJ: De dentro do banheiro, ouvia a conversa deles. Ontem, no fim da tarde, eles foram comprar o eisbein congelado, como faziam todos os dias, deixando só um de vigia. Pelo cheirinho que senti, o cara devia estar com uma caganeira daquelas e foi fazer o serviço. Aproveitei e arrebentei a fechadura com o resto do último eisbein. Peguei a arma da Minerva, que estava em cima da mesa e me mandei.

Boletim da Representação Discente nº4

O que é a Congregação?

Antes de responder a esta questão, é necessário conhecer um pouco da estrutura administrativa da POLI: há os departamentos de engenharia, as diversas comissões (de Graduação, de Pós-Graduação, de Pesquisa, Cultura e Extensão Universitária), o Conselho Técnico Administrativo, a Diretoria, a Congregação, etc.

A Congregação é o órgão máximo deliberativo da POLI, todas as decisões importantes têm que passar pela sua aprovação.

Dela fazem parte:

- todos os professores titulares;
- os presidentes das diversas comissões;
- os chefes dos departamentos;
- o diretor e seu vice;
- representante(s) do(s): professores associados, professores doutores, alunos,

servidores não docentes, antigos alunos, IPT, Instituto de Eletrotécnica, professores assistentes e auxiliares de ensino.

Como vocês podem observar, na Congregação há representantes de todas as facções da POLI. Sendo assim, as discussões são de caráter global e todos podem ficar sabendo o que acontece na POLI.

Ora, a Congregação é, portanto, a melhor oportunidade para nós, alunos, levarmos nossas críticas, sugestões, reclamações e informações, além de participarmos com voz e voto.

Há também representantes nossos em cada departamento, e nas comissões, que estão aptos a ajudarem na solução de problemas mais específicos. Portanto, se

há problemas com alguma disciplina que você está cursando, há sempre um representante discente que pode te ouvir e ajudar.

Você que está cheio de boas idéias, não fique parado; procure-nos sem hesitar. É importante que a sua idéia chegue até nós.

Nós podemos ser encontrados nos Centrinhos (onde o pessoal nos conhece) e através do Grêmio, que tem contato com todos os representantes (além de seus respectivos endereços e telefones). E caso você queira saber mais, vá às reuniões que acontecem nas segundas-feiras, às 18:30h, na sala 15 do Biênio.

Andréa Canizares (Mecânica), Irani Braga Ramos (Civil), Paulo Blikstein (Elétrica), Ro Yung Jia (Elétrica), Rogério Pedro Pinto (Civil)

A Teoria do Escuro



Por anos, tem se acreditado que lâmpadas elétricas emitem luz. Porém, recentes informações provaram o contrário. Chamamos hoje as lâmpadas elétricas de "Sugadores de Escuro" (S.E.). A teoria de Sugadores de Escuro prova a existência do Escuro, que este possui massa, é mais poderoso e pesado que a luz e ainda que o Escuro é mais rápido do que a luz!

A base da Teoria do Escuro é a seguinte: lâmpadas elétricas sugam o escuro. Pegue, por exemplo, o S.E. que há em seu quarto. Há muito menos Escuro perto dele do que em outras partes do ambiente. Maior o Sugador de Escuro, maior sua capacidade de sugar. Sugadores de um estacionamento, por exemplo, tem capacidade muito maior do que o de um quarto. Bem, como todas

as coisas, S.E.'s não vivem para sempre... Uma vez cheios de luz, eles não mais podem sugar (Isto é provado pela mancha preta que aparece em um Sugador cheio). Uma vela é um Sugador primitivo. Uma vela nova tem um pavio branco. Você notará que depois do primeiro uso, o pavio se tornará preto, representando todo o escuro que foi sugado para ele. Perceba que, se você segurar um lápis para perto do pavio de uma vela em operação, uma parte ficará preta devido a ele ter ficado no caminho do fluxo de Escuro para dentro da vela. Infelizmente, estes primitivos Sugadores de Escuro tem capacidade muito limitada.

Existem também S.E.'s portáteis: as lâmpadas destes não podem suportar todo o escuro por elas próprias, necessitam de uma B.A.T.E.R.I.A (Base de Armazenamento Total de Escuro por Raios Internamente Absorvidos). Quando a unidade está cheia, a capacidade diminui e é necessário esvaziá-la (erroneamente conhecido como recarregar) ou substituí-la para que o equipamento possa voltar ao funcionamento.

O Escuro tem massa. Quando o escuro

entra no S.E., a fricção com este gera calor. Portanto, não é aconselhável tocar um Sugador em operação. Velas representam um problema especial visto que o Escuro necessita se deslocar para dentro de um pavio sólido, ao invés de um vidro transparente. Isto gera grande quantidade de calor: pode ser muito perigoso tocar uma vela em operação.

O Escuro é também mais pesado que a luz: se você nada sobre a superfície de um lago, vê muita luz. Agora, ao passo que você vai descendo e descendo, percebe que lentamente vai ficando mais e mais escuro. Numa certa profundidade, a escuridão será quase total. Este fato ocorre devido ao Escuro (mais pesado) ir ao fundo enquanto a luz (mais leve) flutua para a superfície. O imenso poder do escuro pode ser usado

para o bem do homem. Podemos coletar o escuro que submergiu no fundo de rios e lagos e empurrá-lo, junto com a água, para turbinas, as quais podem gerar eletricidade para novamente ligar Sugadores de Escuro pela cidade (Escuro atrai Escuro). Em um rio, uma canoa navegando a favor do fluxo de Escuro, deve-se remar lentamente, para não atrapalhar este fluxo. Mas, quando navegar contra o fluxo, deve-se remar rapidamente para ajudar a empurrar o Escuro ao longo de seu caminho.

Finalmente, precisamos provar que o escuro é mais rápido que a luz. Se você permanecer em um quarto iluminado em frente a porta de um armário fechado e Escuro e vagorosamente abrir a porta, você verá que a luz entra lentamente pelo armário. Mas, como o escuro é tão rápido, você não é capaz a ver este sair do armário.

Concluindo, gostaria de dizer que S.E.'s fazem tudo para que nossas vidas sejam mais fáceis. Portanto, da próxima vez que você olhar para uma lâmpada elétrica, lembre-se de que é, de fato, um Sugador de Escuro!

(enviado por um politécnico)

Coluna da Júnior Poli Estudos

A Júnior está em festa! Foi um grande sucesso a palestra que organizamos. Para quem não acompanhou, a Júnior Poli Estudos trouxe Simon Franco para conversar com os alunos da POLI dia 4/10 no auditório da civil.

Simon Franco e a pessoa a quem grandes empresas deixam a responsabilidade de escolher e contratar executivos para os mais altos cargos. Segundo as palavras desse Head-Hunter, seu talento está em descobrir o talento dos outros e, com anos de experiência, ele sabe de todos os traços, estilos e posturas para sermos executivos de sucesso.

Cerca de trezentas pessoas, duas horas e quarenta minutos de palestra e o bom nível das perguntas mereceram, junto com a boa organização, elogios do palestrante.

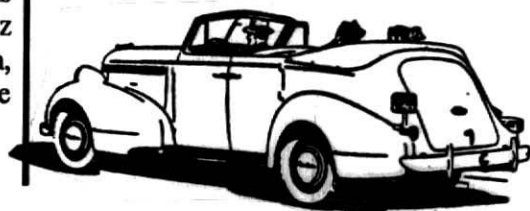
Ao encerrar, o Caçador de Talentos prometeu contribuir para a POLI, usando todo seu prestígio.

E a próxima "festa" se aproxima: estamos organizando, para os dias 30 e 31 de outubro, o 1º Workshop Integrativo. Como o nome sugere, será um evento de integração empresa escola.

Serão 8 grandes empresas que participarão. Nos stands, mostrarão sua filosofia, métodos e planos. No auditório da civil, através de ilustres representantes, falarão das empresas, do Brasil e do mundo, sob o aspecto empresarial. Além disso, comentarão sobre as deficiências dos atuais engenheiros, os problemas da profissão e, especialmente, o que esperam de nós, futuros engenheiros.

É uma excelente oportunidade para nos informarmos com as melhores e maiores empresas. Ampliaremos nossos conhecimentos e, quem sabe até, definiremos de vez nossos focos de interesse.

A Júnior Poli Estudos fica no prédio da mecânica, sala MS-8.



Viciados em namoro

Cientistas americanos estudiosos da química do amor, entre eles Michael Liebowitz e Donald Klein, do New York State Psychiatric Institut, comparam o sentimento de amor às sensações provocadas por anfetaminas. Segundo tais cientistas, o cérebro de quem está apaixonado produz uma substância intoxicante - a "anfetamina do amor" - conhecida como feniletilamine. É ela que faz desaparecer os bloqueios, inibições e censuras possibilitando a concretização do amor. Sob seu efeito, o coração dispara diante da pessoa amada, a respiração acelera, a tensão aumenta e as mãos suam. Os hormônios, regulados pelo hipotálamo, também começam a reagir: aumentam os hormônios sexuais e tiroideanos, a insulina e o cortisol - o hormônio de defesa do organismo que controla o humor. A dependência da presença da pessoa amada - outro resultado da ação dessas reações químicas - é parecida com a dependência que se observa em pessoas viciadas em morfina. Esse coquetel de hormônios



proporciona a sensação e alegria, calma e serenidade, porque quem ama, segundo esses cientistas, vive drogado de endorfina - uma espécie de morfina produzida pelo próprio corpo. Mas com os apaixonados não acontece o mesmo que com os toxicômanos, que aumentam cada vez mais a dose de morfina: o organismo dos amantes não produz endorfinas em quantidades ilimitadas. Depois de um determinado limite, o cérebro passa a produzi-las apenas esporadicamente. Por isso os casais acabam brigando.

Extraído do OESP de 26.9.91/caderno Cola pg. 8, título original modificado para este Politreco. Enviado por um Politécnico.



Man-on-bus

Seqüestrador

Parece-me que não adianta mudar de editor, criar equipe, etc: sempre falta alguma coisa ao POLITRECO, nas últimas edições resolveram o problema da periodicidade mas começaram a faltar letras e palavras, sendo que quando o editor percebe (tardiamente) ele faz com caneta.

Cabe esclarecer aqui que o problema da periodicidade talvez seja mais sério.

O Artigo do ROBSON careceu de maior atenção pois apresentou alguns defeitos: a figura inserida poderia não ter cortado o parágrafo que terminava na linha seguinte; ao invés do calhau inferior, poderia ter sido colocado quem é e o que faz este Robson; e a figura em si não estava muito clara se era um apoio ou uma ironia ao que o colega escreveu.

Outro artigo que apresentou problemas foi "THE MAN THE MITH" que, obviamente não foi escrito pelo próprio ARNALDO, falta dizer quem o fez ou, pelo menos seu pseudônimo. Além disto

ele traz uma inverdade violenta que deve ter irritado ao próprio Arnaldo: dizer que sua primeira opção era ELÉTRICA; todos que o conhecem sabem que isso não é verdade e que ele pouco simpatiza com os elétricos (que aliás foram severamente elogiados pelo autor deste artigo tendencioso neste sentido).

O POLITRECO melhor e bastante em termos gerais mas carece de artigos com caras novas. Ele está ficando viciado. As pessoas parecem não se interessar por expor suas idéias. Com isso, quase sempre são as mesmas pessoas que escrevem para o POLITRECO, dando a ele um aspecto morno. Ele tem saído com matérias sobre diversos assuntos mas está pasteurizado.

Iniciativas como a do REPORTER EÇA, do ROBSON, do saudosista de Woodstock, e alguns outros devem ser aplaudidas: eles têm coragem de se expor, mesmo não divulgando seus nomes, eles expuseram suas idéias à crítica alheia.

Seqüestrador é seqüestrador e Onbudsman-Beta do Politreco *M. de E.: obrigado, seqüestrador, críticas amadas.*

Quem é o dono da zebra?

Joaquim, Roberto, João, André e Pedro são, não respectivamente, advogado, professor, arquiteto, dentista e pintor.

Moram em casas: vermelha, amarela, azul, laranja e verde. Tocam os seguintes instrumentos: guitarra, gaita, piano, violino e bateria. Possuem os seguintes animais de estimação: girafa, gato, zebra, elefante e cavalo.

Sabe-se que:

1-O advogado que mora na casa vermelha não toca gaita.

2-João tem uma girafa.

3-O arquiteto é amigo do que toca bateria.

4-O professor toca violino.

5-Pedro, o dentista, é primo do dono do gato.

6-Roberto é advogado.

7-O que toca violino não se chama Joaquim.

8-André é pintor e toca guitarra.

9-Aquele que possui um elefante toca piano.

10-O baterista mora na casa verde.

11-O que mora na casa azul possui um cavalo.

Quem é o dono da zebra?

Ombudemirman

Ademir Pereira dos Santos

Mas que diabo! Quem são estes seqüestradores que não fuzilam logo este Comandante-em-chefe? Todo mundo sabe que, se ele existe, é um testa-de-ferro de alguém (seria da Falange Vermelha?). Bom, mas no último número, pelo menos o Editor de fato deixou o cargo de On-Bliks-Man, o que estava se tornando um absurdo. É uma boa oportunidade para se dar o golpe e tomar o cargo...

Bem, o problema de periodicidade foi supostamente resolvido. Mais gente trabalhando, etc., etc. Mas seria legal fixar umas datas limite: último dia para entregar os artigos, dia da diagramação e dia da publicação. Assim, os colaboradores saberiam em que dia seus artigos sairiam. Quanto à qualidade gráfica, estamos chegando lá. Noto ainda alguns títulos SEP ARADOS ou faltando pedaços. Pior que isso é a distribuição aleatória dos artigos: na última edição, havia uma poesia perdida na última página, entre anúncios e convocações.

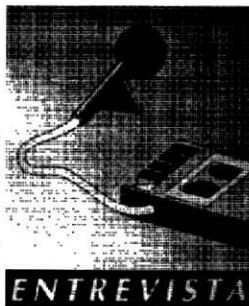
No entanto, vemos o jornal cumprindo seu papel: discussões sobre a LDB, o boletim da Representação Discente, etc. Isto é muito bom. Por falar em bom, as ilustrações do Jessian estão muito boas. Mas não é fácil ilustrar uma edição inteira. Onde estão as fotos? E onde está o Reporter Eça? (estou falando com você, leitor!). Bom, por hoje já chega de colocar pedrinhas no sapato do editor.

Ademir Pereira dos Santos cursa o segundo ano de Engenharia de Eletricidade e é o Onbudsman-Alfa do Politreco *críticas amadas, Ademir.*

Um papo com Sérgio Mindlin

Paulo Blikstein

Sérgio Mindlin, engenheiro de produção pela Poli e ex-presidente do Grêmio Politécnico em 68-69, é



ENTREVISTA

diretor
superintendente da Metal-Leve,

Fala ao Politécnico sobre a Poli, sua experiência no Grêmio, Brasil e psicanálise. As perguntas foram suprimidas para dar maior cadência ao texto.

"No meu tempo se contava uma piadinha que dizia porque havia tanto conhecimento dentro da Poli. Era porque todo mundo que entrava trazia um pouquinho e todo mundo que saía não levava nada, e ia acumulando na escola.

A escola sempre foi puxada, tinha muito trabalho, muita coisa para fazer. Sempre forçou muito os alunos a estarem dedicados ao ensino. Matérias técnicas sempre foram complicadas. Eu me lembro que, por exemplo, Mecânica dos Fluidos sempre foi um terror para os estudantes da Mecânica daquela época.

Quando eu entrei na escola, havia uma decepção muito grande. O esforço do vestibular e a competição era muito grande; e o nível de ensino e de atividade era uma decepção no primeiro ano. Naquele tempo, o primeiro ano era comum para todos os cursos de engenharia, e a gente só fazia opção pelas várias modalidades ao ir para o segundo ano, e depois fazia, no terceiro ou quarto ano, fazia opção dentro das modalidades.

O primeiro ano era na cidade universitária e alguns dos cursos já estavam implantados aqui. A Mecânica, a Naval, a Eletricidade.

Muitas das aulas a gente ainda tinha na Poli velha. O Grêmio era na Poli velha, e essa dispersão geográfica trazia uma certa desagregação para a escola, porque o primeiro e o segundo ano eram concentrados no biênio, mas depois todo mundo se espalhava pelos prédios, era difícil o contato, ir para a Poli velha era uma bruta distância, a marginal não existia naquela época.

Nos dois anos de Biênio eu me lembro de muita atividade social: gincanas, competições, bailes. Mas a turma era relativamente grande, entravam 360 por ano e a escola toda tinha 2000. Era metade do

que é hoje e assim mesmo era muito difícil conhecer as pessoas.

Tinha muito pouca mulher na Poli. Quando eu estava no final do curso, tinha 2000 alunos na escola e 32 mulheres, e a maior parte delas era japonesa. Acho que tinha uma ou duas que eram consideradas bonitas pelos padrões que a turma mencionava. Quer dizer, eu os Politécnicos andávamos atrás de mulher em todas as outras escolas. Não podia ter festa só da Poli porque...era um desastre.

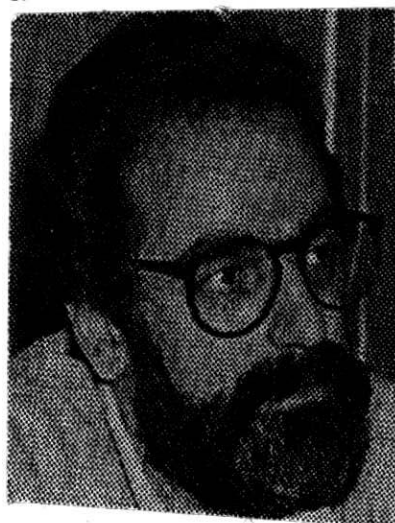
E não fiquei muito tempo voltado para dentro da Poli em termos de atividades sociais e culturais. Quando eu entrei na escola, em 1965, trabalhei como calouro, e depois no final do ano trabalhei nas comissões de recepção, para receber os calouros e fazer integração.

Tinha eleições para representantes de classe, tinha muita confusão entre quem era direita, quem era esquerda. E eu não queria me vincular nem a um grupo nem ao outro e acabei me afastando e passei dois anos e pouco muito voltado para atividades de fora da escola, em termos culturais.

Eu fazia teatro, com um grupo que chamava TUSP (Teatro dos Universitários de São Paulo), mas não era ligado à USP formalmente. Tinha inclusive vários politécnicos.

Nós montamos em 66 "A excessão e a regra", do Brecht. Era um teatro ambulante, que a gente levava para representar nos vários lugares, andamos pelo interior de São Paulo, representamos em vários sindicatos. O grupo de teatro tinha um pessoal ligado ao Partidão [PCB], que era muito ativo politicamente. E tinha um grupo que não era muito ativo, no qual eu me incluía. Depois, em 67, o grupo esteve meio dormente. Em 68 nós representamos "Os fuzis da sra. Carart", também do Brecht. A primeira peça foi dirigida pelo Paulo José, que hoje faz televisão. A segunda foi dirigida pelo Flávio Império, que era um cenógrafo importante, e que morreu há uns três anos. Essa segunda peça foi quase profissional: a gente ensaiou três meses, todo dia à noite. Representamos durante três meses no [teatro] Ruth Escobar e depois pelo Brasil. Isso era meados de 68 e o grupo basicamente se dissolveu. A barra política estava muito pesada em 68, era a época das grandes passeatas no Rio.

Apesar de eu ser um assíduo frequentador da escola mesmo durante o tempo de teatro e ser bom aluno eu não estava muito "dentro" da escola. Quando eu voltei para



São Paulo, no segundo semestre de 68, eu realmente "voltei" para a Poli. Aí estava acontecendo todo um debate sobre a reforma universitária, em que se debatia se deveria haver comissões paritárias [alunos e professores] e se reformulava toda a forma de administração da USP. No final do ano veio o AI-5 e acabou com todas as discussões sobre reforma universitária.

O Fórum Politécnico foi nessa época e fez todo um debate sobre essas reformas na Poli e na USP. Conseguimos organizar uma semana inteira de debates que não teve aula. A participação dos alunos no Fórum era intensa, em torno de 20%, já que era a única atividade que estava acontecendo na escola.

Nessa época a linha política do Grêmio era ligada à JUC (Juventude Universitária Católica), que era a esquerda católica, muito ativa na época.

Eu entrei no processo eleitoral e fui eleito Presidente em outubro de 1968. Naquela época havia duas entidades: o Grêmio Politécnico e o centro acadêmico, que era o único reconhecido pela diretoria. O Grêmio não era reconhecido como representante dos alunos, mas em geral era a mesma chapa para as duas entidades.

Já havia naquela época os centrinhos, que tinham essencialmente uma atividade esportiva, social, restrita aos prédios. Até 69 não existia nenhuma relação formal dos centrinhos com o Grêmio. Nesse ano a gente propôs uma reforma do estatuto do Grêmio buscando encarar a realidade de que a Poli era uma escola descentralizada e que isso tenderia a continuar. Era importante haver um núcleo do Grêmio em cada prédio. Então se incorporou os centrinhos à estrutura do Grêmio, e estes passaram a ser núcleos do Grêmio em cada curso.

Pelo que eu soube ao longo do tempo os centrinhos foram ganhando poder e esvaziando o Grêmio Politécnico. A idéia era ter o Grêmio como elemento de união.

Na época o DLP, Departamento de

Livros e Publicações, era a principal fonte de renda do Grêmio. Tinha um gráfica na Poli velha e uma loja no Biênio. A gráfica era muito boa.

[...] De todo esse tempo de escola sobrou uma lembrança muito boa, que a gente realmente aproveita esse tempo e sente saudades depois. Quando a gente está na escola a gente quer se formar, quer trabalhar; depois a gente vê que é pena que não pudemos ficar mais tempo no ambiente de escola, que é um ambiente bastante protegido.

Essa experiência toda de atividade política, envolvimento no Grêmio, acho que trouxe uma visão mais atualizada do mundo, uma consciência do que acontecia em termos políticos e sociais no Brasil naquela época que muita gente não dava a menor pelota. Além de que havia muitos colegas nossos que eram frontalmente favoráveis à ditadura militar, depois até entraram na indústria bélica.

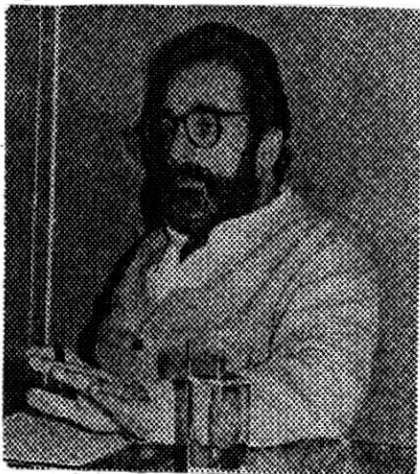
Para mim sobrou um experiência muito importante, não tanto em termos de administração, porque a administração que a gente fazia do Grêmio era simples. Mas de tratar de problemas da comunidade, ouvir, falar em público, de ser obrigado a tomar iniciativa; que são coisas que vão se refletindo no resto da vida.

Todo o tempo que eu fiz teatro foi marcante, uma coisa de abrir os horizontes, diferente de estar mergulhado só nos estudos de engenharia. Ouvir falar de política, conversar sobre problemas sociais, ter contato com sindicatos, perceber que o Brasil enfrentava crises graves, ir procurar colegas no DOPS; tudo isso fazia a gente ter uma noção melhor da realidade.

[...] A questão de carreira e de sucesso das pessoas é difícil de dizer. Não dá para dizer "faça assim", não existe uma receita. Mas há algumas linhas básicas: se a sua vocação é técnica, é importante ter uma formação sólida. É muito difícil ter esse tipo de formação mais adiante na vida. Se mais tarde um técnico experiente precisar se aprofundar na administração, é mais fácil do que o inverso: um aluno de admi-

nistração que depois tenta obter conhecimentos técnicos de engenharia. É mais difícil absorver a bagagem técnica.

Hoje em dia eu vejo cada vez mais a questão de como conseguir trabalhar com as pessoas se colocar. Como motivar, como formar equipes e diminuir a hierarquização. Isso hoje em dia é cada vez mais importante. Então, um indivíduo que tenha uma formação excessivamente técnica e não tiver uma abertura para essa questão



de interrelacionamento, de como lidar com as pessoas vai ter mais dificuldade num ambiente desses. É possível que ele tenha sua carreira presa, limitada de alguma forma.

Mas nas empresas existe a carreira em "Y", onde um ramo é o administrativo e o outro o técnico. Isso

permite a um profissional altamente técnico ter uma boa posição na empresa sem ter subordinados ou atribuições administrativas. Isso foi criado para dar espaço para pessoas com conhecimento técnico mas com dificuldade em lidar com as pessoas, aquelas que se dão melhor com um terminal do que com um amigo. Isso existe, e a gente tem que lidar com isso.

Se você puder ter uma formação global, com a área técnica e com coisas culturais, humanísticas, valhe a pena; mas eu não descuidaria do técnico, depois ele é mais difícil de aprender.

[...] Era complicado mobilizar as pessoas. A diretoria do Grêmio tinha dez ou doze pessoas. Havia pessoas que se dedicavam exclusivamente ao jornal, ou ao DLP, mas era difícil arregimentar pessoas para fazer trabalho. Era um grupo pequeno de pessoas que efetivamente trabalhavam.

Dava perfeitamente para conciliar o estudo e o trabalho no Grêmio. Eu era um dos bons alunos da escola, nunca tive média menor que sete. Mas tinha gente que

não se interessava pelo Grêmio, e vinte anos depois estamos mais ou menos na mesma posição.

Havia uma bolsa de estudos que era dada pelo Grêmio, mas era muito restrita. A idéia era que, depois de formados, os bolsistas devolvessem o dinheiro. Era um sistema rotativo. Mas não chegava a ser muito significativo para resolver o problema dos alunos sem recursos.

[...] Hoje o mercado de trabalho está um desastre. Com a recessão e os planos Collor I e II, as empresas não estão contratando. Mas isso é passageiro, de um dois anos. O governo precisa recuperar a sua credibilidade. Aí as empresas vão voltar a investir e contratar pessoal. Aí, a necessidade de bons profissionais é enorme, e não há tantos bons profissionais por aí, há muitas escolas que não ensinam nada.

A qualidade da Poli não é só folclore. A gente, de empresa, olha qual é a faculdade que o candidato vem. Certamente a Poli é um excelente currículo. Não é o único mas é excelente.

No cotidiano o engenheiro formado numa boa escola se diferencia. A bagagem cultural que cada um traz faz diferença, o indivíduo consegue absorver coisas mais depressa, tenha maior velocidade de desenvolvimento da carreira.

Estar na Poli é um belo ativo. Se eu pudesse voltar no tempo e escolher de novo o meu curso eu não faria um curso como administração. Administração deveria ser um curso de pós-graduação. Ou eu faria um curso de engenharia mais técnico, na área de



eletrônica, por exemplo; ou eu teria estudado Psicologia e Medicina para ser Psicanalista, que eu acho uma área muito fascinante.

Eu não me arrependo da Poli. Valeu a pena.

Paulo Blikstein cursa o segundo ano de Engenharia de Eletricidade e é o Editor-Chefe do Politreco

Delírios do rock'n'roll e a Poli

Sempre curti ouvir rock e considero isso quase uma religião. Aos 12 anos já possuía uma discoteca impecável: fitas piratas do Led Zeppelin e Deep Purple, coleção completa do Jimmi Hendrix, raridades do The Who, Jethro Tull, Iron Maiden e outros.

Aos poucos fui conhecendo outras tendências do rock, até que acabei conhecendo sua raiz: o "blues". Desde então não teve jeito: enchi o saco de um primo meu que todo ano ia para os USA da vida, pedindo songbooks do B.B. King, CDs do

Eric Clapton, discos do Buddy Guy, T. Bone Walker, John Maryall, Muddy Waters, Johnny Winter e outros.

Meus amigos sempre acharam este velho ritmo musical oriundo do Mississipi uma bosta. Porém o tempo passou e o que o destino me trouxe: a Poli.

Na primeira semana detestei tudo: havia uns tais de epsilons e deltas, integrais, vetores, derivadas e nada de blues.

Daí veio a primeira aula de computação: MAC 115. Estava me preparando

mais uma vez para mais uma bomba, quando entrou uma mulher na sala com uma caixa de giz e alguns papéis. Fiquei estarecido. Não conseguia fechar os olhos. Perguntei a um amigo:

"É a reencarnação da Janis Joplin?"

E ele me respondeu:

"Não, é a professora Lúcia de MAC 115."

O autor é aluno da Civil 1 e saudosista de Woodstock.

Privatizar Ou Não Privatizar; Eis A Questão...

Robson Paulino

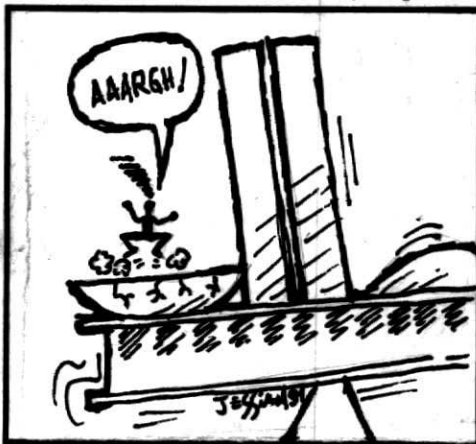
A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB - será votada neste semestre. Esta na hora dos estudantes organizarem nas escolas de todo o país a luta em defesa de uma lei que garanta o ensino público e gratuito, democrático e de boa qualidade. Esta é a forma de derrotar Collor e os empresários do ensino que estão querendo jogar nossa escola no esgoto.

A LDB neste semestre vai ser votada finalmente. Collor fez de tudo protelar a votação. Ele não precisa de lei. Desde o início do seu governo já decretou autoritariamente diversas MP's (elementos da ditadura militar -Atos Institucionais), que entre outras coisas atacam a autonomia das Universidades Públicas, ou introduzem mecanismos de privatização (cursos extracurriculares pagos, taxa da piscina -meros sintomas).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB - é a lei que regulamenta a educação no país. Ela é quem dirá quais serão os objetivos da educação no país e como eles serão cumpridos. Determinando se a educação vai ser pública e gratuita, ou privada; se haverá verbas públicas só para escolas públicas, ou se os donos das privadas pegarão dinheiro fácil. Normalmente, a LDB é votada depois da edição de uma nova Constituição(1988). A LDB que em vigor começou a ser dis-

cutida em 1947 e concluída em 1960. Tem-se projetos de LDB elaboradas por alguns deputados, porém qualquer avanço e manutenção das conquistas históricas só será possível com muita luta.

O ENSINO NO SANITÁRIO - Nas estatísticas educacionais o Brasil está em 77º lugar a nível internacional(competi-



vidade).

O governo brasileiro investe menos de 3% do PIB (qualidade) do país em educação(o México investe 8%, a Alemanha 15% e a ONU indica 25%). O governo Collor decidiu acabar de uma vez com o ensino. No ano passado mandou Chiarelli (ex-ministro da educação), demitir 40.000 funcionários do Ministério da Educação (enquanto os Marajás continuam a solta). Agora com o projetão propõe a privatização das escolas públicas e o fim de sua gratuidade. O maior abuso é que enquan-

to destrói o ensino público, Collor incentiva aumentos brutais nas mensalidades das escolas pagas (livre negociação), que, no caso das Universidades abrigam cerca de 70% dos estudantes do país; obrigando os alunos a abandonarem os seus cursos. Collor defende uma LDB que irá destruir o ensino brasileiro.

Nós estudantes, temos que, desde já, organizar debates, mani-festações junto com professores, pais e funcionários. Caravanas a Brasília que estão sendo chamadas pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e UBES(União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). É na luta que defenderemos nossos direitos e reivindicações: diretas para reitor e diretor, autonomia universitária, paridade nos órgãos de poder, 25% do orçamento para educação, verbas públicas para escolas públicas. Enfim, será na luta por nossos direitos e reivindicações que conquistaremos uma LDB que garanta nosso ensino; público e gratuito, democrático e de boa qualidade. As pessoas que estiverem preocupadas com a defesa de nossos direitos, procurem-me na Civil-3. Até mais.

Obs: você sabia que o reitor comprou equipamentos de Israel ao preço de 70.000.000 de dólares, sendo que os mesmos podem ser adquiridos no mercado internacional por dez milhões... agora temos que pagar a taxa da piscina para pagar a dívida.

Zubin Mehta leva Municipal ao delírio

Paulo Clark Kent

Para o maestro Zubin Mehta, 55, regente titular da "Orquestra Sinfônica do Maggio Musicale Fiorentino" e da "Orquestra Filarmônica de Israel", o público brasileiro é ótimo e o paulista, em especial, o mais estusiasmado e receptivo. Por isso, gosta muito de estar presente aqui, sendo as apresentações do final do mês passado, sua quarta vinda ao país.

O público, por sua vez, não vê a hora de seu regresso. Tamanho é o número de fãs conseguidos por Mehta no Brasil, que suas três apresentações ao ar livre, em São Paulo (em 87 com a Filarmônica de Nova York, em 89 com a Filarmônica de Israel e agora com a Sinfônica do Maggio Musicale Fiorentino), se tornaram os três maiores concertos eruditos já realizados no Brasil, com mais de 100 mil espectadores nos dois primeiros e 55 mil no terceiro.

Na noite do dia 26 de setembro, no Teatro Municipal de São Paulo, o público que lotava o recinto não se conteve. Após o término do programa, que contava a

Abertura de "As Vésperas Sicilianas" (Giuseppe Verdi), Suite "O Mandarin Maravilhoso" (Bela Bartok) e a Sinfonia Fantástica op. 14 (Hector Berlioz), os presentes promoveram aquela que foi provavelmente a maior ovação desde que o Municipal foi reinaugurado. Zubin Mehta, com um sorriso de orelha a orelha, não conseguia abandonar o palco e, depois de entrar e sair cinco vezes, resolveu atender aos pedidos de "mais um", interpretando Abertura Manon Lescaut (3º ato), de Puccini. Novo delírio da platéia, nova sessão de entra-e-sai e, contrariando estatísticas de concertos em recintos fechados, nova peça fora do programa. Desta vez Triana, de Albeniz.

No dia 28, reuniu algo em torno de 50 a 60 mil pessoas na Praça da Paz, no Parque do Ibirapuera, mesmo com toda a chuva que caiu no início da apresentação. O programa contou com *Abertura de "A Força do Destino" (Verdi), Sinfonia Júpiter (3º e 4º movimentos) (Mozart), Concerto para Trompete e Orquestra (1º movimento) (Haydn), Triana (Albeniz), Manon Lescaut (Abertura - 3º ato) (Puccini), Sin-*

fonia Fantástica (4º e 5º movimentos) (Berlioz) e Abertura Solene 1812 (Tchaikovsky). Nesta última peça, Mehta convidou a banda do Colégio João XXIII para acompanhar a Sinfônica. Um imprevisto causou uma saída razoavelmente rápida ao final: o violoncelista Valentino Pellegrini desmaiou no meio da 1812, devido ao forte calor provocado pelos refletores.

A noite do mesmo dia 28 encerrou as apresentações na cidade de São Paulo, novamente no Teatro Municipal. O programa foi composto por *La Ritirata Noturna di Madrid (Bocherini/Berio), Sinfonia nº 8 em fá maior op. 93 (Ludwig van Beethoven) e Ein Heldenleben (Vida de Herói) op. 40 (Richard Struss).*

A próxima atração internacional do Teatro Municipal é a "Orquestra Sinfônica da Rádio de Frankfurt", sob a regência de Dimitrij Kitajenko, nos dias 7 e 8 de outubro. Os preços variam de Cr\$ 9 mil a Cr\$ 26 mil.

Paulo Fernando Silvestre Júnior cursa o segundo ano de Engenharia de Eletricidade

São Paulo, 1990... Nada demais

Redwolf e Protovision

Boyzinhos e seus Reeboks importados pra fora da calça, com seus carros último-tipo e seus sorrisos amarelos desfilam numa parte mais requintada da cidade.

Punks nojentos com seus cabelos espetados, alfinetes em seus narizes, coturnos reluzentes e rostos que esboçam a mais pura ânsia de vômito da face da Terra passam fome em outro canto.

Executivos em seus ternos cinza-escuro, com seus óculos que mais parecem dois televisores e fechados em seu próprio mundo apenas pensando em dinheiro nos edifícios da cidade. Por que tanta diferença? Por que seres que crescem neste ou naquele lugar do planeta são tão diferentes?

Algumas horas após o nascer do Sol, São Paulo ainda vivia um dia comum no

último dia 25/01/90, aniversário da cidade e de mais algumas pessoas. Estavam lá como sempre, os mesmos personagens dos outros dias. E aquele morcego putrefato ainda fazia sucesso nos cinemas:....aaarrgghh!!(Pausa) "nao confundas saas com Batman!!!"

Foi quando algo apareceu sobrevoando a cidade, com um vô imponente, dois SAAS's do lado oeste dos anéis. Sim, porque os do lado leste são mais rebeldes e não fariam tão perfeito vô. Como dizia, eles sobrevoavam a cidade, mais propriamente o estádio do Morumbi... não, o estádio do Pacaembu!!! Parecia um ritual de acasalamento e realmente era. Entre as asas de um dos dois (deve ser o macho), pode-se ver algo como "algo grande"... mais tarde entendemos o que era.

O acasalamento aconteceu no ar, mesmo. Durou exatos 3 segundos e alguns centésimos, mas do modo estranho com

que foi feito poderia corar até uma mocinha de cabaré.

O acontecimento comoveu gregos e troianos. Era um enorme grupo de pessoas conscientes que aos milhares parava para assistir e aplaudir. Punks abraçavam boys como irmãos e o mesmo acontecia com os executivos e skinheads, metaleiros, negros e brancos, mulheres e homens, crianças com padres e freiras e doentes como animais humanos. Foi uma experiência fantástica tanto para nós, cientistas e pesquisadores, como para a sociedade que se viu unida diante de tão lindo espetáculo. Ao menos um dia, a cidade se sentia "igual".

Após o espetáculo, os SAAS's envolvidos foram encaminhados à mais próxima delegacia de polícia e indiciados por atentado ao pudor.

Redwolf e Protovision são do -SAAS Project-

POLITRECO'S The Man The Mith

Arnaldo Fantomas "Bohn" Nobre

Há muito tempo queremos escrever um perfil em homenagem a esse que é um dos totens da vida recente da Poli e do Politreco. Editor do Politreco durante dezenas de edições, cronista brilhante, Presidente do CEN, simpático, garboso, charme inconfundível, olhar irresistível: Fantomas é um homem que todos nós invejamos.

Na sua gestão como Editor, o Politreco quase nunca atrasou. A diagramação - brilhante - deixava qualquer Politécnica enlouquecida. Os seus textos, muitas vezes assinados por engraçados pseudônimos, levavam os Politécnicos aos limites do prazer. Muitos perguntam o que afinal faz de "Arnaldo" essa excelente figura humana. A resposta talvez esteja na sua biografia, sofrida porém exemplar.

"Tômas", como era conhecido na sua roda de amigos, nasceu em uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul. Filho de pais humildes porém trabalhadores, ele desde cedo revelou seus pendores artísticos. Aos cinco anos, fazia freqüentes apresentações nos saraus de música sertaneja da cidade. Um empresário logo o descobriu e levou-o para a cidade grande - no caso, era literal: foi para Campo Grande. A despedida da família foi bastante traumática, como lembra até hoje. "Foi como se eu estivesse deixando a minha cidade natal e indo para a cidade grande", diz Fantomas com lágrimas tentando fazer uma analogia como o ocorrido. Na cidade grande sua vida não foi fácil. Logo descobriu que o empresário não queria um envolvimento afetivo mais forte, mas só um lance mais de pele. Criado nos rígidos moldes morais do interior, ele prontamente rejeitou.

Abandonado pelo empresário inescrupuloso, se viu só e sem dinheiro, abandonado nas ruas úmidas e frias de Campo

Grande. "Era como se eu tivesse sido abandonado pelo empresário e estivesse abandonado nas ruas úmidas e frias da cidade", relembra Fantomas visivelmente tocado. Sem ter como voltar, impressionado com os neons das grandes avenidas, "Tômas" decidiu que encararia de peito aberto o desafio: vencer na "grand ville".

Deixou Campo Grande para tentar a vida em São Paulo, "uma cidade realmente grande", como lembra Fantomas. Aventureiro, foi morar numa pensão imunda na avenida Tiradentes. Logo se amigou com a baixa prostituição local, passando a cafetinar regularmente. Graças aos seus precoces e pronunciados dotes reprodutivos, começou a ganhar dinheiro vendendo-os para as madames da alta sociedade: "era como se eu vendesse meu corpo para aquelas senhoras", diz "Arnaldo", numa tentativa de metáforização do ocorrido.

Tudo ia maravilhosamente bem para "Tômas": ganhava dinheiro, gostava do seu trabalho, era respeitado pelos amigos e pelas madames. Mas uma coisa o incomodava: um vistoso prédio perto de sua pensão, frequentado por centenas de jovens diariamente. Entre a prostituição local tinham fama de serem os melhores amantes da cidade, especialmente os "elétricos".

Fantomas começou a perder terreno para os tais garotos "elétricos". Começou a se informar sobre o assunto. Descobriu que lá era uma escola de Engenharia, "Escola Politécnica". Entrar na tal escola passou a ser uma obsessão. Analfabeto de pai e mãe, Arnaldo estudou duro durante três anos. Nesse período, sua atividade reprodutiva ficou em segundo plano, chegando mesmo a desaparecer por um bom tempo. Para ele, tudo que importava era entrar na tal escola.

Finalmente o grande dia chegou: foi fazer o exame de admissão. Na hora de preencher o questionário, não teve dúvida: queria ser elétrico. "Aquilo se tornou



a única coisa pela qual valia a pena viver", conta Fantomas bastante emocionado.

Passou no exame mas não conseguiu pegar a sua primeira opção, elétrica, e teve que se contentar em ser "naval". A escola se mudou para a Cidade Universitária. Fantomas mudou toda a filosofia de vida dos navais. Os outrora tristes e desunidos navais se tornaram alegres, viris, unidos e progressistas. Guia genial dos povos, ele revolucionou o conceito de "homem" da Escola Politécnica, mostrando por A + B como fazer feliz uma fêmea. "Eles tinham muita dificuldade em aprender", conta.

A fama de Arnaldo ultrapassou as fronteiras da Poli, chegando a todas as unidades da USP. Virou um símbolo da luta dos Politécnicos por um futuro mais próspero, fraterno e promíscuo.

Atualmente, "Tômas" está para se formar. "Me sinto como se eu estivesse saindo da faculdade com um diploma de engenheiro", balbucia Fantomas em prantos, tentando fazer uma analogia com sua situação atual.

Em alguns meses ele estará nos deixando, rumo ao mercado de trabalho desse país pobre-rico-bonito-feio. "Penso em voltar para o Mato Grosso do Sul e abrir um escritório de Engenharia Naval na minha cidade natal" - diz Fantomas.

Fantomas irá fisicamente, mas suas marcas permanecerão para sempre. Nunca desaparecerá a lembrança desse homem determinado e idealista, que um dia ousou desafiar o Sistema e, por Deus, venceu.

Boletim da Representação Discente nº3

Os representantes discentes e o Grêmio Politécnico constituíram um grupo de trabalho que irá estudar o documento da Comissão de Modernização Curricular e fazer uma contra-proposta. Esse grupo é aberto a todos os interessados (a participação dos alunos é fundamental) e se reunirá por 4 segundas-feiras (a primeira foi 07/10), às 18:30 na sala 14 do Biênio para discutir e redigir um documento com a posição oficial dos alunos. Cada reunião terá um tema definido:

07/10 - Concepção do curso de engenharia da Poli;

14/10 - Estruturação dos cursos da Poli;

21/10 - Avaliação de alunos e professores;

28/10 - Apreciação final do documento;

04/11 - Data limite para conclusão do documento.

Como o documento produzido por esse grupo de trabalho *será oficial dos alunos*, é importante que você participe das discussões. Até 28/10 (apreciação e

aprovação final), o documento poderá ser emendado. O esquema é simples: qualquer aluno pode propor alterações no documento enquanto ele está sendo elaborado redigindo uma emenda e/ou vindo na reunião para defendê-la. O documento dos professores está nos murais do Grêmio e de alguns centrinhos. Cópias estão disponíveis no Grêmio. Vamos ver se finalmente conseguimos acabar com essa história do politécnico que não participa de nada, não discute nada e simplesmente assiste aula e vai embora para casa. Essa discussão vai afetar diretamente a sua vida na Poli. Se os alunos não participarem da elaboração do documento, a vontade dos professores prevalecerá - e isso significa exames finais, matérias anuais, dois meses de férias por ano, opção de curso dentro da Poli, etc.

Resumo da última reunião da Congregação (órgão máximo da Poli) em 1º/10/1991

A reunião foi convocada em caráter extraordinário para discutir a aprovar o novo regimento da Poli. O regimento é como uma "mini-Constituição" da Poli, e

regulamenta todo o funcionamento da escola: comissões, atribuições do diretor e regras gerais de funcionamento. O ponto mais importante da reunião foi a discussão da "extinção" da Comissão de Cultura e Extensão da Poli. Alguns professores alegaram que já tinham muitas atribuições e que não teriam disponibilidade para participar da comissão. Alegaram ainda que não têm experiência no assunto e não saberiam como conduzir atividades de cultura na Poli. A representação discente e alguns professores se colocaram contra a "extinção" da comissão dizendo que ao invés de extingui-la deveríamos fortalecê-la para que finalmente pudessemos ter mais atividades de Cultura e Extensão na Poli. No final, por 19 votos a 12 decidiu-se pela "extinção" da CCEX. As comissões de Pesquisa e de Cultura e Extensão vão se unir em uma só.

Irani Braga Ramos (Civil), Paulo Blikstein (Elétrico), Ro Yun Jia (Elétrica), Rogério Pedro Pinto (Civil), Andréa Canizares (Mecânica), Paulo Takaki (Naval).

Super-Engenheiro

ENQUANTO ISSO, ALGUMAS TIRAS SOBRE A "MODERNIZAÇÃO" CURRICULAR E SEUS MENTORES

